

Kandir prepara um novo plano. Com ajuda de empresários.

Há pelo menos duas semanas o professor Antônio Kandir vem mantendo contatos sigilosos com empresários paulistas para a redação de um novo programa econômico. A iniciativa teria o aval do presidente Fernando Collor, que por diversas vezes manifestou o desejo de que o ex-secretário especial de Política Econômica retorne ao governo. Até mesmo em substituição ao ministro Marcílio Marques Moreira.

Nos seus contatos, Kandir tem procurado representantes da diretoria da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), admitem alguns empresários. Seu programa contemplaria medidas para a execução de um pacto nacional, algo próximo à política implementada recentemente pelo México, que vem tendo sucesso na administração de sua economia depois de uma profunda recessão provocada pelas medidas adotadas. Recessão, aliás, que fez com que o déficit financeiro, que estava há nove anos em 16,9% do Produto Interno Bruto (PIB) daquele país, pudesse chegar, segundo estimativas oficiais, a 1,9%. E a inflação, que em 1987 atingiu 160%, possa ficar em 14% neste ano.

Kandir considera imprescindível a prévia adesão dos empresários. O ex-secretário pensa em descentralizar a condução do pacto. Assim, as medidas não ficariam apenas sob a responsabilidade do Ministério da Economia.

Desde que deixou o governo, em maio último, acompanhando a ex-ministra Zélia Cardoso de

Mello, Kandir tem sido procurado com frequência pelo presidente para opinar sobre a economia. Em diversas ocasiões, Collor elogiou os conhecimentos técnicos de seu ex-assessor. Hoje, Kandir mantém um escritório de consultoria em São Paulo.

Plano K

A notícia sobre o seu programa surge poucos dias depois dos jornais noticiarem projeto preparado pelo empresário Paulo Brito, presidente do Conselho da Cotia Trading, e pelo economista Paulo Rabbelo de Castro. Batizado de Plano K, propõe uma reviravolta na economia, com o resgate de uma enorme dívida social, mas sem confiscos ou congelamentos — expedientes usados nos planos Collor I e II, ainda na gestão de Zélia.

A grande diferença entre o programa para um pacto preparado por Kandir e o Plano K, por exemplo, seria o aval dado pelo Palácio do Planalto às intenções do ex-secretário. Na segunda-feira, Collor atacou duramente o projeto de Brito e Castro: "Por que a letra K? Deve ser de quilos de bobagens."

Um dado no mínimo curioso é que, com o agravamento da crise e a sensação de imobilidade do governo, o número de "planos" e "sugestões" aumentou nos últimos dias. A ponto de um empresário paulista ironizar que "não será por falta de planos econômicos que a crise não vai ficar pior".

Neusa Sanches